

TEORIA GERAL DO EMPRÊGO,  
DO JURO E DO DINHEIRO  
FUNDO  
UNIVERSITÁRIO  
DE ECONOMIA



EDITORIA FUNDO DE CULTURA

# TEORIA GERAL DO EMPRÊGO, DO JURO E DO DINHEIRO

JOHN MAYNARD KEYNES

TEORIA GERAL DO  
EMPRÊGO, DO JURO  
E DO DINHEIRO

EDITORA FUNDO DE CULTURA  
BRASIL PORTUGAL

Primeira edição brasileira: setembro de 1964

Traduzida de

THE GENERAL THEORY OF EMPLOYMENT,  
INTEREST AND MONEY

MacMillan & Co. Ltd., 1957, Londres, Inglaterra

Copyright © by

MACMILLAN AND COMPANY LIMITED LONDON,  
BOMBAY, CALCUTTA, MADRAS, MELBOURNE

Contratados todos os direitos de publicação,  
total ou parcial, em língua portuguesa, pela  
EDITORA FUNDO DE CULTURA S. A.  
Rua do Ouvidor, 86/2º and. — Rio de Janeiro,  
Rua Rêgo Freitas, 574/3.º and. — São Paulo e  
Rua da Madalena, 211/3.º and. — Lisboa, que  
se reserva a propriedade sobre esta tradução.

## PLANO DA OBRA

### LIVRO I

#### INTRODUÇÃO

1. A teoria geral
2. Os postulados da economia clássica
3. O princípio da procura efetiva

### LIVRO II

#### DEFINIÇÕES E IDÉIAS

4. A escolha das unidades
  5. A previsão como elemento determinante da produção e do emprêgo
  6. Definição de renda, poupança e investimento
- Apêndice sobre o custo de uso.
7. Novas considerações sobre o significado dos conceitos de poupança e investimento

### LIVRO III

#### A PROPENSÃO A CONSUMIR

8. A propensão a consumir: fatores objetivos.
9. A propensão a consumir: fatores subjetivos.
10. A propensão marginal a consumir e o multiplicador.

### LIVRO IV

#### O INCENTIVO PARA CONSUMIR *Investir*

11. A eficiência marginal do capital
12. O estado das previsões a longo prazo
13. Teoria geral da taxa de juro
14. A teoria clássica da taxa de juro

Apêndice sôbre a taxa de juro nos *Principles of Economics* de Marshall, nos *Principles of Political Economy* de Ricardo e em outras obras.

15. Os incentivos psicológicos e comerciais para a liquidez
16. Observações diversas sôbre a natureza do capital
17. As propriedades essenciais do juro e do dinheiro
18. Nôvo enunciado da teoria geral do emprêgo

## LIVRO V

### SALÁRIOS NOMINAIS E PREÇOS

19. Variações nos salários nominais  
Apêndice sôbre a "teoria do desemprego" do Prof. Pigou.
20. A função-emprêgo
21. A teoria dos preços

## LIVRO VI

### BREVES CONSIDERAÇÕES SUGERIDAS PELA TEORIA GERAL

22. Notas sôbre o ciclo econômico
23. Notas sôbre o mercantilismo, as leis contra a usura, a moeda selada e as teorias do subconsumo
24. Notas finais sôbre a filosofia social a que poderia conduzir a teoria geral

Tradução de AUGUSTO SOUSA

Revisão do  
PROF. NUNO FIDELINO DE FIGUEIREDO

## PREFÁCIO

**D**EDICO ÊSTE LIVRO especialmente aos meus colegas economistas, embora esperando que êle seja também acessível aos que o não são. Seu objetivo principal é ocupar-se das difíceis questões da teoria, e só em segundo lugar das aplicações da teoria à prática, pois se a economia ortodoxa apresenta falhas estas não devem ser procuradas na superestrutura, elaborada com imensa cautela no que tange à sua coerência lógica, e sim na falta de clareza e generalidade de suas premissas. Assim, só poderei alcançar o meu intento, que seria persuadir os economistas a realizarem um nôvo estudo crítico de algumas das hipóteses básicas dessa teoria, utilizando um raciocínio altamente abstrato e valendo-me também da controvérsia. Desejaria que esta pudesse ter sido menos longa, mas pareceu-me essencial não apenas explicar a minha maneira de ver, como ainda esclarecer os pontos em que ela se afasta da teoria dominante. Os que estão firmemente apegados àquilo a que chamarei "a teoria clássica", decerto vacilarão entre a idéia de que me acho completamente equivocado e a convicção de que nada de nôvo estou dizendo. Cabe a outros decidir qual destas alternativas — ou ainda uma terceira, — é a correta. As passagens de controvérsia destinam-se a fornecer alguns elementos para uma resposta; e peço que me desculpem se na busca de diferenciações claras meus argumentos foram por vêzes demasiado ásperos. Eu próprio defendi convictamente e por muitos anos as teorias que agora ataco, e julgo não ignorar qual é o seu lado forte.

A importância do assunto em questão nunca será demasiadamente encarecida, e se as minhas explicações são corretas é aos meus colegas economistas e não ao grande público que necessito primeiro convencer. No atual estado da discussão o grande público, embora bem-vindo ao debate, terá de limitar-se a assistir aos esforços de um economista para liquidar as fundas divergências

de critério que dividem os seus colegas, divergências que chegaram a privar a teoria econômica de quase toda a sua influência prática e continuarão a ter o mesmo efeito enquanto não fôr encontrada solução para elas.

A relação existente entre este livro e o meu *Treatise on Money*, publicado há cinco anos, talvez seja mais clara para mim do que para os outros, e aquilo que considero uma evolução natural das idéias por tanto tempo espoadas talvez pareça ao leitor uma desconcertante mudança de opinião. Tal dificuldade será ainda acrescida pelas alterações que me vi obrigado a introduzir na terminologia, assinaladas nas páginas seguintes, porém a relação geral entre os dois livros pode ser assim resumida: quando comecei a escrever o *Treatise on Money*, partilhava ainda da concepção tradicional que considera a influência da moeda como um fator por assim dizer separado da teoria geral da oferta e da procura. Ao terminá-lo já havia realizado certos progressos no sentido da transformação da teoria monetária numa teoria da produção em seu conjunto. Contudo, não lograra desembaraçar-me bastante de algumas idéias preconcebidas, e essa insuficiência de emancipação manifesta-se no que agora se me afigura a fraqueza essencial das partes teóricas da obra (nomeadamente, Livros III e IV), ou seja a minha incapacidade de fornecer uma explicação completa dos efeitos decorrentes das variações no nível da produção. Minhas chamadas "equações fundamentais" eram instantâneos fotográficos tomados na hipótese de um dado volume de produção. Destinavam-se a mostrar de que maneira, nessa hipótese, se podiam desenvolver certas forças que provocavam um desequilíbrio nos lucros e requeriam portanto uma mudança no volume da produção. Porém a descrição dinâmica, ao contrário da imagem instantânea, foi deixada incompleta e extremamente confusa. Por outro lado, o presente livro acabou por tornar-se antes de mais nada um estudo das forças que governam as variações do volume da produção e do emprêgo como um todo; e, se bem que se verifique que a moeda desempenha no mecanismo econômico um papel essencial e além disso muito especial, os pormenores da técnica monetária são deixados em segundo plano. Veremos que uma economia monetária é sobretudo aquela em que as mudanças de opinião quanto ao futuro podem influir no volume atual de emprêgo e não apenas na sua orientação. Porém, o método que uso para

analisar a relação entre a mudança de idéias quanto ao futuro e o comportamento econômico presente, depende da ação combinada da oferta e da procura e por isso se liga à nossa fundamental teoria do valor. Dêsse modo somos levados a uma teoria mais geral, na qual a teoria clássica que nos é familiar constitui um caso especial.

A crítica e a troca de idéias são de extrema utilidade para o autor de um livro como este, obrigado a trilhar caminhos desconhecidos, se ele deseja evitar um número excessivo de erros. É surpreendente a quantidade de tolices que pode admitir temporariamente quem se isola por longo tempo das idéias dos outros, sobretudo no domínio econômico (bem como nas outras ciências morais), em que não abundam as oportunidades de submeter as próprias idéias a uma prova concludente, quer na ordem do raciocínio quer na da experiência. Ao redigir este livro, talvez mais ainda do que quando escrevi o *Treatise on Money*, baseei-me nos incessantes conselhos e na crítica construtiva do Sr. R. F. KAHN. Muitas de suas passagens devem a sugestão dêle a forma que receberam. Fui também grandemente auxiliado pela Sra. JOAN ROBINSON e pelos Srs. R. G. HAWTREY e R. F. HARROD, que leram todas as provas. O índice foi organizado pelo Sr. D. M. BENSUSAN-BUTT do King's College, de Cambridge.

A redação dêste livro constituiu para o autor um prolongado esforço de evasão, uma luta para escapar às formas habituais de pensamento e de expressão, e análogo terá de ser o esforço da maioria dos leitores para que o autor logre o seu intento de os convencer. As idéias tão laboriosamente expostas aqui são da máxima simplicidade e deveriam ser óbvias. A dificuldade não reside nas idéias novas, senão em fugir às antigas que se insinuam pelos escaminhos do entendimento daqueles que, como quase todos nós, receberam a mesma formação.

J. M. KEYNES

13 de dezembro de 1935.

LIVRO I

*INTRODUÇÃO*

## CAPÍTULO 1

### A TEORIA GERAL

**D**ANDO A ÊSTE livro o título de *Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro*, pretendo destacar a palavra *geral* com o intuito de fazer ressaltar o contraste entre os meus argumentos e conclusões e os da teoria *clássica*<sup>1</sup> em que me formei, e que governa o pensamento econômico, tanto prático como teórico, dos meios acadêmicos e dirigentes desta geração, tal como os dominou no curso dos últimos cem anos. Demonstrarei que os postulados da teoria clássica se aplicam apenas a um caso especial e não ao caso geral, pois a situação que ela supõe se acha no limite das situações de equilíbrio possíveis. Além disso, as características desse caso especial não são as da sociedade econômica em que realmente vivemos, de modo que os ensinamentos daquela teoria resultariam ilusórios e nefastos se tentássemos aplicar as suas conclusões aos fatos da experiência.

---

1. A denominação de "economistas clássicos" foi inventada por MARX para designar RICARDO, JAMES MILL e seus *predecessores*, isto é, para os fundadores da teoria que culminou em RICARDO. Acostumei-me, comentando talvez um solecismo, a incluir na "escola clássica" os *continuadores* de RICARDO, ou seja os que adotaram e aperfeiçoaram sua teoria, compreendendo (por exemplo) J. S. MILL, EDGEWORTH e o Professor FIGOU.